

46.5112551

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 133

Col. 13
Os escravos negros da Prussia

PUBLICADA PELO

Bureau de Imprensa Britannica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

Os escravos negros da Prussia

Carta aberta dirigida ao general Smuts

POR

FRANK WESTON D. D., bispo de Zanzibar

Magila Mission, Muheza, Tanga,
7 de novembro de 1917.

Ex.^{mo} Sr. General Smuts e presado amigo:

Não voç surpreenderá por certo ouvir dizer que existe uma preocupação crescente na nossa missão da Africa Oriental alemã com respeito ao destino desta colonia.

O Governo Britanico e os seus Aliados falarão resolutamente: empenharam a sua honra que se ha de combater até que se estabeleça a liberdade no mundo todo; até que nenhum povo fraco se veja oprimido por uma raça mais forte. O Presidente dos Estados Unidos da America deu a esta solene promessa a garantia da grande nação americana.

Ha indícios, porém, que existe em Inglaterra e no continente da Europa quem esteja disposto a terminar a guerra sem que esta liberdade seja estabelecida. Pesam mais no animo dalguns individuos o hem estar duma vida de socego e, talvez, o amor ao dinheiro do que os beneficios conferidos pela liberdade; chegam a deshonrar o sacrificio que outros a custo do seu suor e do seu sangue teem oferecido no altar da justiça e do direito.

Causa-nos, portanto, profunda inquietação o futuro dos nossos africanos e a honra da nossa patria. Receamos que fique a Africa escrava da Alemanha. Receamos que um pequeno grupo dos partidarios da paz consiga levar os nossos governantes a esquecer a palavra dada em penhor de que estabeleceriam a liberdade ou morreriam. Parece-nos justo, por conseguinte, que entre os que conhecem bem a Africa Oriental alemã haja algum que exponha os factos.

Por dois motivos peço venia para dirigir a V. Ex.^a o relato desses factos.

Em primeiro lugar é razoavel que se exponham perante quem por experiencia propria conhece os africanos e o Governo Colonial alemão. Pois saherá apreciá-los. Entre os nossos dirigentes não ha nenhum que tenha essa experiencia no mesmo grau que V. Ex.^a

Em segundo lugar, como hispo missionario, soffro duma grande desvantagem. Quando um bispo missionario se aventura a falar nos direitos dos africanos os seus ouvintes escutam com um sorriso amarelo e pouco ou nenhum valor

dão ao assunto. Só vós, Senhor General, entre todos os nossos chefes, tendes conhecimento da minha atitude para com os africanos. Se vos aprouver, sabereis alcançar a favor da minha causa um tribunal recto; podereis testificar que enquanto servi como carregador na vossa Força da Africa Oriental a vossa Coluna de carregadores africanos do Litoral nada sofreu sob o meu comando. Podereis testificar que se manteve sempre a disciplina, que o serviço se fez com pontualidade e que não houve um só fardo de comestiveis ou munições que se extraviasse.

A Gran Bretanha trairá ?

Antes de tratar do governo alemão em Africa, desejo referir-me a um ponto de suma importancia.

Ha nesta colonia milhares de subditos alemães que foram recrutados pela Gran Bretanha para servirem de carregadores no front. Tecm auxiliado as nossas forças no combater e capturar os seus ex-senhores. A Gran Bretanha utilisou-se deles; nem podia prescindir dos seus serviços. Porém antes de iniciar a retirada os alemães publicaram um decreto ordenando aos indigenas que recusassem prestar serviço aos inglezes, ameaçando de morte qualquer que transgredisse essa ordem logo que se restabelecesse o governo do Kaiser.

A Gran Bretanha pensará em trair esses milhares de indigenas, abandonando-os aos seus antigos senhores ?

Chamámo-los a combater ao nosso lado pela liberdade. Ao fazer-se a paz, ousaremos dizer-lhes: Foi pela nossa liberdade e não pela vossa que combatemos? Deus o defenda!

Porém não ficamos aqui: ha outro ponto.

Quando ajustámos como carregadores estes subditos alemães a que nos obrigámos? Seria o nosso fito reduzir á escravidão a população vencida assim como fez o Kaiser na Belgica e na França? Estavamos dirigindo alguma revolta de africanos contra o Kaiser? Ou tomavamos posse da Colonia em nome da liberdade?

Se restituimos a Colonia ao Kaiser ficamos convictos do proprio crime que condenamos no Kaiser: o crime de obrigar os subditos inimigos a combater contra a sua patria. E' concebível que a Gran Bretanha tal faça? Que se faça porque o povo não é branco? Repito, Deus o defenda!

Se entregarmos ao Kaiser a Africa Oriental cometeremos o crime monstruoso de trair milhares de homens que confiadamente se entregaram a nós e seguiram-nos para a guerra.

Experiencia propria

Passo agora a considerar a questão do dominio alemão na Africa Oriental.

Reconheço, e reconheço com satisfação, a eficiencia do sistema alemão; confesso ter recebido bastante auxilio dalguns dos empregados publicos desde o periodo quando á sua chegada nos encontraram ali estabelecidos até dois anos antes do rompimento de hostilidades. O meu fito

actual, porém, não é discutir as relações que existiam entre os missionarios inglezes e os empregados publicos alemães. Temos de inquirir o modo por que eram tratados os africanos debaixo do sistema colonial alemão.

O que segue é da minha propria experiencia. Relato o que vi, ouvi e sei. Não me atrevo a calcular qual seria a acusaçào se prestassem esclarecimentos diferentes individuos. Apresento a historia simples dum só. Vem a proposito explicar que estou no meu vigesimo ano de residencia na Africa Oriental e no meu decimo ano como bispo duma parte importante da Africa Oriental alemã; conto entre os mahometanos e os africanos pagães muitos conhecimentos e muitos amigos, não convivo só com cristãos; tenho toda a facilidade em me entender com os indigenas pois conheço a lingua comum, a Swahili. A minha historia resume-se no seguinte:

Descreverei a situaçào que prevalecia na Colonia antes da guerra, isto é, nos tempos ordinarios da paz, quando os empregados publicos tinham tempo para se ocupar do bem estar dos subditos alemães. Em regra os empregados são pacientes, acessiveis e conhecedores dos costumes do povo. Na vida civil usam de mais ou menos justiça e procuram conhecer os factos.

Dominam pelo terror

Os alemães falham na colonisaçào devido á sua natureza cruel; incitam os seus subordinados indigenas a seguir-lhes o exemplo. Domi-

nam pelo terror: a crueldade dos castigos infligidos espalha o terror pelo paiz fóra.

Por exemplo: o governo nomeou comissarios de mão d'obra para restringir os excessos praticados pelos cultivadores. Pelo lado civil a sua obra foi muito util; porém era tão cruel o modo de castigar os trabalhadores que neutralisavam o bem que faziam.

O açoite é para o alemão um deleite. Aplicam-se 25 açoites dezenas de vezes durante um dia. O castigo é muitas vezes 50 açoites applicados em duas sessões.

Ha varios modos de aplicar o açoite. O africano não é dos que mais facilmente fazem ouvir uma queixa. Os que passavam pelos estabelecimentos do governo ás horas de castigo confirmarão o que alego, que os gritos angustiosos que nos feriam os ouvidos não resultavam do açoite ordinario. Não condeno o castigo corporal; tem pontos em seu favor. Porém a crueldade não é castigo. O *sjambok* alemão, feito de couro de rinoceronte ou de hipopotamo, prepara-se não só para fazer doer mas para ferir; os soldados que o applicam são mestres na arte, e ao castigo preside um alemão para que se administre sem dó nem compaixão. Para o tornar mais cruel existe a celebre «lei dos açoites»: não sei se é official, porém applica-se pelos empregados officiais. Consiste nisto: o condenado não está amarrado como deveria estar. Estende-se de face á terra, num chão duro ou terreo, conforme as circumstancias. Após dois ou tres açoites é preciso agarrá-lo para o manter em posição. Se

continua a resistir e a gritar é condenado a receber outra dósc de açoites logo em seguida ao primeiro castigo.

O açoite é castigo cruelissimo

Findo o castigo, se o padecente, oprimido pela dôr e a exaltação se esquece de fazer a continencia ao seu algoz alemão, poderá ser condenado a sofrer o castigo de novo. E assim, ordenando a lei que se apliquem 50 açoites em duas sessões, poderá o condenado receber 50 de cada vez: 25 pela culpa e 25 pela falta de etiqueta! A palavra crueldade não dá a medida desta barbaridade.

A tortura é outro metodo reconhecido aplicado aos africanos.

Os almães aceitam sempre a palavra dos seus subordinados africanos contra um indigena. Em casos de pouca importancia salda a conta o açoite. Porém se fôr caso para um tribunal superior ou que se reíra a roubo, emprega-se a tortura para o obrigar á confissão ou á denuncia.

Cito dois casos que se deram com amigos meus: a) O primeiro foi mandado pelo official alemão com policias e *sjamboks* para a mata e ali açoitado diariamente durante uma semana até ficar o seu corpo uma chaga viva. b) O segundo foi condenado ao «capacete de ferro». A cabeça foi metida num aro de ferro que se apertou por meio dum parafuso de pressão de modo a comprimir em especial as fontes. O sofrimento

é angustioso. Outro modo de tortura consiste em amarrar um cordel ao dedo do meio, passá-lo debaixo e á roda do antebraço e apertar emquanto o paciente não confessa.

Com um sistema destes a policia tem sempre á mão um criminoso para qualquer acusação; tem tambem á sua disposição um meio facil de se vingar dum dos seus companheiros. O facto é que os subordinados são tão perversos como os seus superiores; não ha quem ouse queixar-se. Sei por exemplo que é sempre vitima de vingança qualquer que tente apelar para o alemão.

Tortura da corrente

O castigo da corrente é dura crueldade inaudita.

Uns poucos de homens estão aeorrentados pelo pescoço a uma outra corrente de muito maior peso. Não são soltos até acabar a sentença. Dia e noite, a todas as horas, em todas as circumstancias, esses homens vivem e movem-se de conjunto; e estão inteiramente á mercê dos carcereiros que empregam neles á vontade *sjambok* ou as botas armadas de pregos de ferro, ou as coronhas das espingardas. Tenho visto *mulheres* sofrendo este castigo, porém com correntes mais leves. Muitos dos meus amigos teem passado por esta tortura; alguns teem succumbido debaixo dela. Os meus mestres-escolas que foram capturados durante a guerra e encarcerados por eu ser inglez, tambem me deram as suas experiencias desta tortura. Dizem que o

açoite é muito preferível; conhecem um e outro, portanto podem falar.

Foram muito vulgares as mortes em prisão. Acontecia por vezes que os alemães despediam um grupo de carcereiros, porém só o faziam em casos flagrantes. Sobre este ponto não posso insistir muito por ser impossível provar a causa da morte; porém das brutalidades e dos maus tratos não pode haver duvida: são tantos os que deles teem sofrido.

Os metodos da policia alemã

Os alemães incutiam a crueldade na sua policia. No proprio tribunal, antes da condenação, o indigena era maltratado pela policia, e os alemães aplaudiam. Se o acusado ou a sua testemunha não se mantivesse na atitude de sentido; se mexesse com as mãos enquanto fazia a sua declaração; se tratasse o alemão por «senhor» (*bwana*) em vez de «grande senhor» (*bwana mkudwa*); se mostrasse hesitação ao responder; se não comprehendesse o swahili do alemão; ou se, como muitas vezes acontecia, ele traduzisse mal a sua lingua vernacula para a swahili, a policia esbofeteava-o ou dava-lhe murros. É o costume. Enaltecia-se assim a dignidade do alemão. Se isso não servia a causa da justiça pouco importava.

Os mestres-escolas officiais eram educados pelo mesmo modo. Tantas vezes foram açoitados na escola que eles tambem de boa vontade applicavam o açoite. O emprego constante do *sjam-*

bok era tido como absolutamente necessario para a educação de rapazes de qualquer idade desde os 7 até aos 13 anos. E applicavam-se a valer.

Vi numa occasião um chefe indigena, empregado do Governo, dando o açoite a um rapaz de 13 anos por se ter ausentado da escola dos missionarios alemães. Disse-me que o chefe da missão tinha obtido ordem do official do distrito de fazer açoitar pelo chefe indigena todos os rapazes que se ausentavam da escola!

Este castigo do açoite é um cancro. Faz com que o alemão seja temido em toda a parte, porém tambem corrompe a indole do alemão e a indole do seu subordinado africano.

Forma a delicia do alemão o infringir castigo a um substituto: fazem soffrer os pais ou as esposas pelas faltas do filho ou do marido. Isto não se refere a crimes cometidos na localidade onde poderia ter havido cumplicidade, porém por crimes cometidos a grande distancia.

Tratamento dado aos chefes indigenas

Um outro costume proprio do alemão é a perseguição feita aos chefes indigenas. Dos muitos casos tiro um exemplo: O velho Mataka, um Yao de grande celebridade na Niassalândia portuguesa, morreu deixando dois filhos. A herança de um ficava além do Rovuma em territorio alemão; a herança do outro ficava no distrito do pai. O empregado official alemão em Lindi tentou logo induzir este a passar com toda a sua

gente para o territorio alemão. O Mataka alemão porém mandou uma carta ao irmão avisando-o que não caísse em tal. A carta foi detida no correio militar alemão, lida e enviada para Lindi. O escritor, um dos mais altos chefes Yao, um sultão aos olhos do seu povo, foi logo metido em ferros, condenado a trabalhos forçados e morreu pouco tempo depois em ferros.

Como exemplo final do terrorismo alemão, apresento este facto: que os alemães quando andavam de viagem exigiam como regra que em cada pousada se lhes entregasse uma rapariga nova. E' claro que os chefes indigenas não as iam buscar ás suas proprias familias!

Eis alguns exemplos typicos do modo de proceder segundo o sistema colonial alemão. E' cruel, é desapiedado, é deshumano. E tudo isto se explica ao dizer-se que é alemão. Alguns dos administradores são homens agradaveis, bondosos, afaveis e, até certo ponto, simpaticos para a sua gente. Até de vez em quando bebem o seu copo de whisky em companhia de um africano predileto! Porém uma vez que representam o Governo, a sua attitude torna-se necessariamente cruel.

Nas roças impera o «sjambok»

Os cultivadores exercem grande autoridade sobre os seus trabalhadores. Existem por escrito alguns regulamentos restringindo esses poderes; porém pouco se observam. O *sjambok* im-

pera na roça e no lar. A falta mais leve era logo castigada com 15 açoites; 25 açoites era a pena em que incorria aquele que descontentava o seu patrão. Era quasi impossível usar o indigena do direito de apelo para o Governo contra um plantador. Não conviria talvez torná-lo facil; porém tudo tem os seus limites. Era castigada uma acusação mal fundada com um ano de prisão e pelo menos 50 açoites. Isto coutou-me um juiz a proposito dum adolescente cujo patrão o obrigava a actos vergonhosos. Tenho tido bastas ocasiões de notar que se sofre outro tanto quando a acusação se prova ser válida, pois o patrão tira a sua desforra mais tarde.

Explica-se mais adeante a razão de se entregar nas mãos dos agricultores poderes tão amplos.

Tira-se por conclusão que o metodo seguido pela Alemanha no seu modo de governar na Africa é deshumano no mais alto grau e destroe no indigena o respeito que todo o homem deve a si proprio. E' calculado para tornar o africano, e para o conservar para sempre, escravo obediente duma potencia europeia. Está de tal modo enraizado no animo do indigena o medo ao alemão que a faculdade de iniciativa só se encontra naqueles que, por tomarem parte na administração do paiz, trabalham em seu proprio proveito. Como sistema de escravatura é admiravel. Fóra disso é uma crueldade pura e simples. Todos os africanos das minhas relações, seja qual fôr a sua religião, suspiram ha anos pelo dia em que os alemães hão de abandonar a Africa Oriental.

O sistema «admiravel» de escravatura

Em todas as colonias a mão d'obra traz graves problemas; são muitas as propostas apresentadas para os resolver.

O Governo alemão aceitou duas dessas propostas. Proibiu publica e oficialmente todo o trabalho forçado. A ordem dada a este respeito traz a assignatura do governador geral — talvez a do proprio Imperador. Porém, particularmente e mesmo oficialmente, o trabalho era constantemente obrigatorio.

Assegurou-me von Rechenberg, um dos melhores e dos mais humanitarios governadores que tenho conhecido, que o trabalho não podia ser forçado. Disseram-me os seus administradores de distrito que se eles obrigassem os indigenas e o facto viesse ao conhecimento do Governador Geral, incorriam numa repreensão severa; porém se eles não empregassem a força os accionistas das roças creavam-lhes sérios embaraços no Ministerio Colonial. Segundo parece, entre os accionistas ha homens de grande influencia e os empregados officiais vêem-se obrigados a atender aos seus desejos. A proposito disto é interessante notar-se que os empregados officiais não podem vender os territorios do Governo: essa faculdade está nas mãos da Companhia da Africa Oriental Alemã.

O modo de dar efeito ao trabalho obrigatorio põe o ultimo retoque no sistema de deshumanisar o indigena. E' justo esclarecer que em certos distritos onde, na vizinhança das roças,

abunda a mão d'obra, não se exige ao indígena mais de 30 dias de trabalho de quatro em quatro mezes, podendo ele escolher o patão que lhe convém. Por este sistema vê-se o agricultor obrigado a tratar bem os seus trabalhadores.

Exemplos de deshumanisação

Em muitos distritos porém não acontece assim. Passo a dar uns exemplos dos quais tenho conhecimento proprio.

1) Foi agarrado á porta da igreja onde acabava de se casar um joven indígena que foi enviado a 30 leguas de distancia para trabalhar no litoral. O administrador do distrito disse lamentar o facto, mas que nada podia fazer.

2) Numa aldeia as mulheres foram presas e detidas até que os seus maridos as remissem aceitando ir trabalhar para o litoral e partindo imediatamente.

3) Uns indigenas foram mandados levantar-se da cama e, amarrados com cordas, foram mandados para o acampamento dum agricultor alemão e ali obrigados a aceitar sob ameaça de *sjambok* o custo da viagem para a costa para onde seguiram como trabalhadores voluntarios.

Num caso destes entrevistei um alemão que me disse estar munido duma licença official para obter de cada chefe indígena um certo numero de trabalhadores; afirmou em atenuação que os seus caçadores tiravam-lhes as cordas antes de apresentarem os seus captivos.

4) Um ajudante de administrador distrital

convocon uma reunião de velhos. Apresentaram-se oitocentos. Depois de se ter tratado de certos assuntos, annunciou-se que nenhum deles poderia retirar-se sem que primeiro apresentassem em seu logar um joven disposto a partir para as roças do litoral. Este official declarou que lhe era odioso o sistema, porém que não tinha outro remedio.

Estes são os meios empregados pelos administradores distritais para suplementar o fornecimento normal de trabalhadores a que era obrigado o chefe indigena. Estes meios prevaleciam nalguns distritos a despeito de qualquer lei em contrario.

Plantadores sem vergonha

Deu isto em resultado, como bem se pode supôr, que os plantadores não se envergonhavam de privar a sua gente de alimento e acomodações convenientes; as doenças eram sem conto e as mortes sucediam-se.

Era-lhes tambem facil roubar a sua gente á vontade. Todos tinham os seus proprios entrepostos onde se vendiam generos e roupas e o preço descontava-se dos salarios dos trabalhadores. Em vista da indole africana e dum sistema de multas, o resultado que dava era criar dividas e até que as dividas se pagassem o trabalhador não podia abandonar o trabalho, a menos que conseguisse obter do administrador do distrito que se observasse a lei que proibe a sua detenção — caso raro e difficil. Os commissarios indige-

nas podiam prestar algum auxilio neste caso, porém onde os não havia triunfava o plantador. Em todo o caso a lei abrangia só os trabalhadores; os anianuenses e outros ficavam detidos até pagarem a divida.

Este sistema não reconhece ao indigena nenhuns interesses particulares. Segundo ele o africano não tem familia, nem parentes, nem deveres domesticos, nem problemas proprios de alimentação. Não passa dum objecto isolado que sabe manejar a enxada: é permitido ao alemão apoderar-se dele a qualquer momento do dia ou da noite e detê-lo durante um mez, ou, se tiver sorte, durante tres ou quatro, ou ainda mais.

Condições de escravatura

Sob a bandeira alemã a escravatura é uma condição reconhecida. Os escravos compram-se e vendem-se. Contudo nenhum homem livre pode tornar-se escravo; hoje todas as creanças nascem livres.

Um escravo é um homem que foi ou comprado ou roubado ou capturado ou é o descendente dum escravo. Tambem todos aqueles que nos dias antigos de guerra entre as tribus, solicitavam a protecção dum chefe, são ainda considerados escravos, e assim tambem os seus descendentes.

Um escravo pode resgatar-se. Variam os preços de 15 até 75 rupias, segundo a idade e a condição. Centenas de individuos tenho eu resgatado de tempos a tempos; muitas vezes pare

evitar a separação entre marido e mulher, cuja união a lei da escravatura não respeita.

O administrador distrital de Lindi disse-me que o seu governo desejava abolir a escravatura e que tinha pensado em marcar para esse efeito o ano de 1920; porém que-lhe não seria possível oferecer compensação. Naturalmente o Kaiser tem outras coisas em que gastar os seus rendimentos.

No entretanto o sistema da escravatura agravava bastante aos alemães. O agricultor arranjava escravos desejosos de comprar a sua liberdade: pagava o preço ao senhor e detinha os escravos durante um certo numero de anos até pagarem o resgate por meio duma quantia diminuta por mez (quem marcava a quantia era o alemão). Tambem podia tratar directamente com o senhor, alugando os seus escravos por um tanto ao ano ou resgatando-os sem os consultar.

Do mesmo modo um plantador ou empregado official alemão podia obter uma concubina obediente pelo mesmo modo. Pagava o resgate ao proprietario e tomava posse da rapariga e do recibo; no dia em que a despedia entregava-lhe o recibo e ela ficava livre.

A perspectiva de vingança

E' preciso não perder de vista este ponto capital: em vista da possibilidade dos alemães regressarem e do que dali resultaria para os africanos que tem servido o exercito inglez dentro da Colonia, será util indagarmos como eram

tratados pelos alemães os indigenas «traidores». E'-vos de sobejo conhecido, Senhor General, a sorte que tiveram os indigenas da colonia alemã do Sudocste e os milhares que foram trucidados para satisfazer a sêde de vingança do Governo alemão.

A revolta que rebentou nessa colonia no ano de 1905 poucas vidas custou á Alemanha, porém foram sacrificados 30.000 indigenas como expiação. Nos primeiros tempos foi permitido ás chamadas «tribus amigas» massacrar e raptarem os indigenas das tribus rebeldes e mais tarde pagava-se no litoral ao preço de uma rupia a cabeça dum «traidor». Os que conhecem os factos attribuem a revolta ao sistema de trabalho forçado e á crueldade da administração. Porém o administrador do distrito de Lindi, que deteve durante alguns mezes tres arabes, declarou estar de posse dumas cartas enviadas do Cairo e de Constantinopla em que se ordenava o morticínio de todos os estrangeiros e dos indigenas seus amigos. Mostraram-se incredulos alguns dos seus camaradas, porém o administrador tinha grande influencia, parece que a legislação anti-islamítica por V. Ex.^a descoberta nos arquivos alemães data dessa pretensa conspiração.

A vingança tirada foi horrivel e fóra de toda a proporção com o crime imputado. O que será então para aqueles que tem auxiliado os inglezes a matar e a capturar a quasi totalidade da população alemã? Emquanto existir um indigena os alemães não descansarão: seria contra a sua natureza praticar doutra forma. Uma Conferen-

cia de Paz poderá tentar protegê-los, porém é tão facil armar uma desculpa para se lançar uma «expedição».

Sabemos que aqui mesmo em Muheza, depois da visita inesperada dum destacamento britânico comandado por um official de intelligencia e a captura dalguns alemães, foram enforcados publicamente varios indigenas nesta vila, apesar de não terem nenhum conhecimento da projectada incursão que chegou e desapareceu com a rapidez do relampago.

Crueldades praticadas durante a guerra

Não tenciono falar das crueldades praticadas durante a guerra. O que são os alemães em tempo de guerra é agora conhecido de todos. Em grau inferior a Africa tem soffido o mesmo que a Belgica e a Servia. Afirmamos — e ninguem ousará negá-lo — que a crueldade praticada pelos alemães contra os indigenas africanos, priva-os para sempre de qualquer direito de dominio neste paiz.

Quando eu estive com a Coluna do Litoral, contaram-me officiais de alto comando que os alemães amarravam por detraz das costas as mãos aos indigenas e atiravam com eles para a mata, onde morriam de fome; que tiravam ás mulheres os filhinhos porque estes estorvavam-nas no serviço do transporte de fardos e atiravam com os pobres innocentes para a mata á vista das mães. São de sobejo as provas de execuções bru-

tais: as proprias fotografias alemãs o testificam, assim como os relatos dos carregadores que andaram com as tropas alemãs. O que sofreram os meus mestres-escolas unicamente porque eu e os meus ajudantes somos subditos britannicos, fez arrepiar a carne — morreram quatorze nas mãos dos seus crueis algozes.

Passemos adiante. Alegar-se-ha que estes são actos devidos ao furor da guerra e a guerra terminará. Porém sobre eles não devo guardar silencio absoluto, pois a meu ver fazem parte dum furor que não passará — o mesmo furor que fez desencadear a guerra e que, a não ser reprimido, não tardará a infligir ao mundo outra catastrophe igual.

A attitude alemã

Resta fazer o resumo da situação. E' impossivel tolerar-se o dominio alemão. O alemão não comprehende os principios elementares dum governo humanitario. O alemão tem capacidade, é cortez, é correcto no seu proceder como empregado official — porém é sempre alemão. E sendo alemão, o indigena para ele não passa dum instrumento; a sua indole é cruel e deshumana: sob o seu dominio o africano ou é escravo ou morre.

Sei que existem alguns alemães que detestam este sistema, assim como ha plantadores inglezes que me teem assegurado que o admiram. A verdade é que os alemães como na-

ção aprovam-no e que os inglezes como nação odeiam-no.

Podia citar casos de actos de crueldade praticados nos indigenas por parte de subditos britannicos, porém são tão raros que é licito passá-los em silencio.

Temos de formar um juizo pela média e a média dá que o alemão é incapaz de governar na Africa. A Conferencia de Paz que permitisse que ele o tentasse de novo seria culpada de trair voluntariamente a liberdade e os direitos do povo mais fraco que habita na terra.

Existe uma duvida apresentada de boa fé a que devo responder.

Pergunta-se: sendo os alemães tão crueis, como se explica que os soldados alemães mantenham a sua lealdade durante as ultimas fases da guerra?

Apresentam-se logo varios motivos a quem, como nós, conhece as duas partes e as condições do povo. Em primeiro logar, não é facil evadir-se duma força alemã. Os meus mestres-escolas que foram levados em ferros e maltratados declararam que, quando lhes tiraram as correntes e os puzeram a trabalhar como carregadores, a fuga era quasi impossivel. Muito poucos o conseguiram; varios tentaram e falharam. Muito mais difficil é ao soldado que não pode ficar para traz como faz um carregador doente. Além disso a pena em que incorre um desertor é horrivel!

Em segundo logar, os africanos não gostam de abandonar as suas rações e portanto só o fa-

zem quando estão a pouca distancia do seu lar. Poucos desertores teem as tropas que andam afastadas.

Em terceiro lugar, num paiz sem agua onde os poucos poços existentes se encontram nos acampamentos para tropas e carregadores, os fugitivos passam muito mal. Os mestres-escolas que conseguiram fugir por pouco não morreram de sede, a sua salvação foi darem com tropas britannicas num sitio onde havia agua.

Em quarto lugar, os alemães propagaram entre as suas tropas as maiores falsidades com respeito á brutalidade praticada pelos inglezes e da sorte que esperava os desertores. Sabemos isto pelos que desertaram no principio da campanha, antes de começar a grande retirada, quando a fuga ainda era possivel.

E' só questão de tempo

Ha mais um motivo. Os alemães persuadiram a sua gente que se, pela força das circumstanças, não podem resistir aos inglezes nesta colonia, contudo na Europa são invenciveis; que o seu regresso á Colonia é portanto só uma questão de tempo e que quando voltarem todo o desertor pagará caro o seu crime. Ninguem sabe melhor que V. Ex.^a a maneira por que os alemães se souberam defender e que, favorecidos pela enorme extensão do paiz e pelos seus conhecimentos topograficos, um numero relativa-

mente pequeno tem-nos dado uma tarefa de uma dificuldade extraordinaria. Os africanos não são estúpidos: admiram a coragem e o artificio; julgando pelo que tem visto fazer os alemães na Africa, aceitam sem duvida o que lhes contam dos desastres da Inglaterra na Europa. Os meus mestres-escolas no districto de Lindi foram informados oficialmente nos primeiros tempos da guerra que a Inglaterra estava debaixo do dominio dos alemães, que a Escocia estava na posse dos austriacos e que a Irlanda — a pobre Irlanda — estava entregue aos turcos! Isto annunciou publicamente em Lindi o administrador distrital e prometeu ao mesmo tempo aos africanos leais as *viúvas dos soldados inglezes!*

Não devo deixar de registrar em abono dum alemão, o plantador mais honesto daquelle districto, que ao encontrar a minha gente que regressava de Lindi e ouvindo deles estas ultimas novidades, disse-lhes que eram tudo mentiras e condenou em termos severos a immoralidade duma politica que falsifica as noticias.

Os alemães e os outros

Temos de acrescentar o facto que os africanos são muito leais aos chefes que conhecem bem e mórmente nas horas de provação. E' tambem verdade que muitos alemães, não obstante serem crueis nos castigos que infligem, são afeveis com os africanos com quem lidam; não tem o mesmo preconceito a respeito da gente de côr

como infelizmente acontece tantas vezes com os inglezes. Os alemães, segundo me parece, dividem o mundo em duas classes: os Alemães e os Outros. A côr é ponto secundario que só interessa aos outros, de maneira que o africano, se deve temê-los como o cão teme o dono, é de vez em quando objecto dos seus afagos ainda que tenha de se submeter ás ordens debaixo da ameaça do chicote.

Ficou bem elucidado este ultimo ponto na proposta para se legalisar o casamento de alemães com africanas. Esta proposta foi apresentada no Reichstag: não sei a sorte que teve.

Tal é a condição de escravatura da qual a força do vosso comando libertou o povo desta colonia; é esta a condição a que certos individuos na Gran Bretanha e no Continente propõem restituir os africanos. Nesta área, já se reconhecem os efeitos do dominio britânico e o povo aceita-o com alegria. A administração já fez milagres, não obstante os muitos obstaculos suscitados pelo estado de guerra.

Será possível que haja nm homem pundonoso, um homem compassivo, que aprove, por um instante que seja, que os africanos voltem a ser administrados pelo Kaiser?

Ultimo apelo pela Liberdade

E' tempo de terminar: já disse quanto pode caber numa carta, o bastante para provar quão

impossível se tornou o domínio alemão nesta colônia.

Sei que tenho a vossa aprovação; sei também que sob o ponto de vista naval e militar ninguém no seu juízo votará a favor da restituição ao Kaizer dum ponto estratégico de tanta importância. Uma vez restabelecida aqui, a Alemanha poderá não só ameaçar as colônias adjacentes como também a Rhodesia e a União Sul-Africana, e ao mesmo tempo, possuindo aqui uma base para submarinos, poderá destruir todo o nosso comércio com a Índia e o Oriente e negar-nos mesmo a passagem pelo Canal de Suez.

Porém o meu último apelo não será em nome da conveniência nem da política, porém em nome da Liberdade.

Os sacrifícios em vidas e bens oferecidos pela Gran Bretanha e pelos seus Aliados já muito fizeram para resgatar a palavra dada de liberdade ou morte. A liberdade está hoje ao nosso alcance, e pela mercê de Deus as Potências da Entente não tem de temer a derrota, a qual seria peor que a morte.

Nesta hora de próxima vitória prestaremos homenagem ao sangue vertido, ou privaremos do seu triunfo os nossos queridos mortos? A resposta encontra-se no tratamento que dispensarmos á Africa. Se elevarmos a Liberdade num trôno tão alto que o seu sceptro possa alcançar as tribus mais remotas, nesse dia justificam-se os feitos, vingam-se o sangue dos nossos heróis.

Se a Liberdade se perder!

Se, contudo, à ultima hora deixarmos que a fadiga da luta entorpeça as nossas aspirações, que os partidarios da paz pervertam o nosso discernimento e que conselheiros interessados iludam o nosso espirito: isto é, se terminarmos a guerra antes de libertar a Africa e a Armenia, a Liberdade estará perdida. Não será o derramamento de sangue, sem proveito o dispendio, inúteis as lamentações dum mundo alquebrado, se a Liberdade, a Liberdade de Cristo, se perder!

Não ha, certamente, entre os homens que tem tomado parte nesta luta, um só que duvide da obrigação de continuarmos na luta até que reine a liberdade no mundo todo. A duvida nasce no animo daqueles que sofrem as consequencias da guerra sem perceberem o que ella significa. E' minha esperança que esta carta sirva para esclarecer essa duvida e para fazer ver o verdadeiro fito da guerra.

Atribuo em grande parte aos meus confrades o ponto de vista adoptado por muitos cristãos que vêem nesta guerra um «castigo paterno enviado por Deus» e que aceitariam o seu proximo fim como prova evidente da renovação da graça divina. Ah! se pudessemos ao menos despir o nosso espirito de tais hipocrisias e mentiras! Admito a nossa responsabilidade nos erros de que está actualmente soffrendo a Europa; admito que devemos pagar a cota que nos corresponde. Porém, Deus? Ouço a voz de Deus incitando ás Potencias da Entente para que redobrem de pa-

ciencia, para que se preparem para o grande golpe final. Ouço-o impôr a todos nós a obrigação de continuar esta guerra até que as potencias mundiais se entreguem e que a liberdade dos homens seja coroada com o Cristo, nosso Libertador.

Escravos do lucro e da classe

O Papa lembra-nos que Jesus Cristo é o Príncipe da Paz. Na verdade assim é. Ele é o Príncipe da Paz que existe entre Deus e o homem, da paz que deve existir entre o homem e o seu semelhante; é o Príncipe da fraternidade universal em que se revela o Amor eterno. Porém duma paz entre uma classe governante e outra enquanto os governados são escravos do lucro e de classe — dessa paz não é Príncipe o Cristo. A Paz de que é Príncipe o Cristo a quem eu sirvo dá a «paz do lar» até mesmo aos africanos. A vontade de Deus não nos impõe outras condições de paz.

Termino com estas palavras: Visto ser totalmente impossivel fazer investigações em Africa, nem referir estas questões ao povo, compete a quem ousa defender os direitos do africano lançar o seu desafio de modo a levar a convicção ao espirito britanico. O meu desafio é esta carta. Se a Alemanha tornar a dominar aqui, custar-me-ha quanto possuo de mais precioso: a minha obra, a minha diocese, as minhas inumeras relações com o povo da Africa Oriental. Tudo



isto ponho gostosamente em risco para que este povo se liberte, para que o Governo cumpra a palavra empenhada, para que eleve um trôno universal á Liberdade.

Subcrevo-me

De V. Ex.^a At.^o Ven.^{dor}

FRANCK ZANZIBAR (Bispo)

Chefe da Missão das Universidades dos distritos orientais
da Africa Oriental Alemã